

# Desfazendo equívoco

Journal  
de  
Notícias

Lemos nos jornais desta semana que um Ilustre Professor, falando do problema da Assistência em Portugal, exprimiu a opinião de que «a assistência deve ser entregue inteiramente ao Estado e de que deve desaparecer por importuno na nossa época, o conceito de caridade».

Não sabemos se foram estas exactamente as suas palavras, nem o sentido que possam na verdade ter as que pronunciou. Parece-nos contudo oportuno levantar a nossa voz, não para entrar em discussão sobre o problema de assistência, mas para esclarecer o que pensamos da caridade.

Um cristão medianamente culto sabe que a palavra «caridade» tem um significado preciso e claríssimo, cujo sinónimo é a palavra «amor». Na lei antiga, o preceito da caridade resumia-se assim: «amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento; e amarás o teu semelhante como a ti mesmo». Na lei moderna, isto é, no cristianismo, o amor do próximo tornou-se mais imperativo com o preceito novo: «amai-vos uns aos outros como Eu vos amei a vós» quer dizer, até a doação completa da própria vida. Um cristão não pode amar o seu próximo como se ama a si mesmo; tem de amá-lo mais do que a si mesmo.

A este amor do próximo, fundido no mesmo amor de Deus, deu-se o nome de caridade, desde os tempos dos Apóstolos. Basta ler qualquer das Epístolas de S. Paulo, de S. Pedro, de S. Tiago, qualquer dos Evangelhos ou os Actos dos Apóstolos para se dar conta do profundo significado da palavra caridade e do seu poder realizador. Foi esta caridade que levou S. Paulo a escrever: «lembra-te do preso como se estivesses preso juntamente com ele e do enfermo como se habitasses o mesmo corpo». A civilização ocidental, no que tem de humano, de fraterno, de generoso, foi gerada através dos séculos, pela virtude heroica desta caridade. Foi ela quem suprimiu a distinção de castas, raças, classes e posições entre os homens. Foi ela quem minou os alicerces do império romano do ocidente com a divinização de César, a escravatura, e todas as instituições pagãs que oprimiam e esmagavam os que não eram ricos. Foi ainda esta mesma caridade que esclarecendo as ideias, precisando a noção de homem e fazendo vingar os seus direitos, reivindicou o respeito por todos os homens, e o reconhecimento universal da liberdade, da igualdade e da fraternidade humanas.

A caridade é um compêndio das principais virtudes que tornam grandes os povos e heróicos os indivíduos. A justiça particular e social, a delicadeza, a generosidade, a lealdade, a correcção, a tolerância, a submissão do interesse individual ao bem colectivo, a liberdade de pensamento, o perdão das ofensas, o amor dos inimigos, a indulgência, a misericórdia, o sacrifício do bem próprio em favor do bem alheio, a energia no trabalho criador de riqueza comum, a renúncia aos privilégios, às comodidades ao luxo, tudo isto junto chama-se caridade, isto é, amor do seu semelhante.

A Caridade? Mas ela é a insatisfação permanente, a ânsia de subir de cada vez mais, de romper as cadeias que nos prendem ao limitado, ao pequeno, ao tacanho e de remoer constantemente a vida para o progresso incessante.

A Caridade? Mas ela é a fome e a sede do justo, do belo, do grandioso e do perfeito.

A Caridade? Mas ela é o salário de cada um, o lar higiénico e confortável, a desproletarização das massas, a libertação económica dos chefes de família, a instrução e educação do povo, a dignificação do homem, a supressão da tirania sob qualquer forma e fôrto, a paz, a alegria e o amor conquistados para todos os homens pelo cumprimento dos deveres sociais de cada um.

Não é isto, por certo, o que o Ilustre Professor diz «ser importuno na nossa época». Mas se quer referir-se à mentira e à hipocrisia duma caridade que se chamou assim para melhor ser deixada em paz, então podemos estar de acordo. A mentira das esmolas dadas a quem se roubou no salário ou a hipocrisia dos «bailes de caridade», a essas também nós condenamos.

O gesto do rico que vai amontoando ouro com a mão direita e com a mão esquerda atrai migalhas de pão aos pobres de cima da sua incomensurável vaidade. Esse gesto é um insulto à caridade. As ofertas «generosas» dos que continuam a enriquecer à custa do suor alheio e, entretanto, fazem filantropia para cobrir o peito de medalhas ou encher as colunas dos jornais com os seus retratos, isso é uma paródia da caridade. Mesmo a «benevolência» com que se visitam os pobres sem se fazer nada socialmente para que a miséria desapareça, mesmo essa é uma mentira. Uma caridade que desejasse pobres para poder dar esmolas seria tão horrível como uma medicina que de-

sejasse doenças para se poder exercer», escreve S. to Agostinho.

Por sobre as misérias do mundo só luz uma estrela capaz de o conduzir à Paz e à Fraternidade. Essa estrela é a Caridade!

Só por caridade é que não escrevemos o que tanto nos apetece escrever: malditos aqueles que tornaram possível, pelo abuso que fizeram da palavra e do conceito da Caridade, uma mentira detestada pelos que não são cristãos e uma hipocrisia que afasta do cristianismo tantas almas cheias de rectidão.

Foi a Caridade que fez cristão um mundo que era pagão: «vede como eles se amam», exclamavam seduzidos os pagãos.

Foi a falsa Caridade, foi a paródia da caridade que dum mundo cristão fez o mundo pagão que temos hoje diante dos nossos olhos.

É tempo de reagir, e de fazer reviver, como já em muitos revive, a autêntica Caridade cristã, que se sente magoada, embora saiba perdoar, quando se fala com desdém de tão heroica e criadora virtude, mãe e fonte de todas as demais virtudes cívicas e sociais

ABEL VARZIM